

Incivilizados e incivildades

RAYMUNDO DE LIMA*

As ruas do centro da maioria das cidades do Brasil deixam muito a desejar em limpeza. Culpa não necessariamente dos garis da prefeitura que geralmente fazem seu serviço com zelo, mas sim dos pedestres mal educados e de alguns lojistas que deixam o lixo espalhados no pé das árvores. Preservar a cidade limpa indica o grau de civilidade de uma população. Os incivilizados ignoram que sujeira acumulada atrai insetos e bichos, elevando assim o risco de causar doenças contagiosas; as chuvas cada vez mais torrenciais entopem bueiros e causam danos às ruas, rios, e bens particulares e públicos.

Não se importar com a sujeira nas ruas, nos estabelecimentos de ensino e no próprio ambiente doméstico indica falha educativa ou **incivilidade**¹. Ou seja, a incivilidade

¹ “As incivildades englobam comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destacam-se entre as incivildades as queixas usuais dos professores, a falta de respeito dos alunos. Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivilidade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa” (GARCIA, 2006). “As incivildades mais inofensivas parecem ameaças contra a ordem estabelecida transgredindo códigos elementares da vida em sociedade, o de código de boas maneiras. Elas podem ser do barulho, sujeira, impolidez, tudo

indica que falta ou falha na educação, cujo efeito é a ausência de respeito, dos bons modos e boas maneiras. Ela começa com a má criação das crianças propensas ao desrespeito para com pessoas mais velhas, aos bens públicos e particulares, resultando em indisciplina, e atos de vandalismo e violência. Procede o velho alerta que entende a educação começando em casa, e sendo complementada ou corrigida na escola. A falha de ambos anuncia a barbárie.

Mãe que ensina e cobra dos filhos para arrumar o quarto, lavar pratos, varrer a casa, preservar o espaço limpo, contribui para formar o senso de higiene e de cidadania deles. Lembro-me de um psicanalista argentino que dizia: “as mães são higienizadoras do mundo”². Porque elas começam limpando os bumbuns dos bebês, depois treinam os adolescentes para manter o mínimo de ordem e higiene no banheiro e mais tarde ralham com os maridos idosos cujo “manancial” deixou de ser certo no vaso sanitário.

Professores devem ensinar e monitorar os alunos para jogar lixo no lixo, não riscar carteiras e paredes, não colar chiclete ou caca de nariz debaixo das carteiras, urinar no vaso sanitário, dar a descarga no vaso após o uso e jogar papel sujo no cesto, etc.

que causa desordem...(DEBARBIEUX, apud LATTERMAN, 2000, p. 37).

² O psicanalista argentino chama-se Alfredo Jerusalinsky.

Parece que os professores hoje fingem não ver os maus modos dos alunos e sua tendência a sujeira, e se reprimem para corrigir um que fala “os livro”, “dez real”³, etc. A omissão educativa pró sujeira é reforçada pela “inclusão excludente” de autorizar falar errado – ou escrever fora da norma culta da língua portuguesa – que contribui como autorização para falar, escrever e pensar insuficiente ou raso. Dizia Gusdorf (1977) que um pensamento mal expresso é um pensamento insuficiente ou defeituoso.

Sujeira universitária: dados

Muitos pais e professores de nossa época não querem se dar ao trabalho educativo, como denuncia o professor da Faculdade de Educação da USP, Julio Groppa Aquino⁴, cujo resultado são filhos incivilizados, desrespeitosos, mandões. Senão, vejamos: Um levantamento realizado na Universidade Estadual de Maringá, com 1578 alunos, apontou: 10% dos universitários se esquecem de dar a descarga no vaso sanitário; mais de 6% admitem jogar papel no vaso sanitário; 40% deixam a sala de aula suja; 65% deixam as carteiras riscadas; 85% deixam as carteiras fora do lugar depois da aula; 79% deixam o celular ligado durante a aula; 30% tendem deixar a torneira aberta; 10% danificam livro da biblioteca da instituição (QUARESMA, 2008). Esses

dados sugerem o grau de incivilidade entre universitários e indica o elevado custo da gestão da universidade para sua manutenção⁵.



Parece que a incivilidade visível é maior nas universidades públicas do que nas particulares, talvez porque a concepção de “público” na nossa cultura é sinônimo de “espaço de ninguém”, onde “pode tudo”. É nas nossas universidades públicas que podemos ver banheiros novos ou reformados em pouco tempo serem danificados e pichados, enfim, nem parece ser um banheiro usado por universitários. Há casos em que banheiros femininos são piores do que os banheiros masculinos: por exemplo, absorventes com sangue são deixados a mostra no cesto, exalando mau cheiro, ou são jogados no vaso causando entupimento. O papel higiênico nas universidades públicas tende ser visivelmente desperdiçado ou falta. A quem reclamar?

A maioria dos alunos universitários brasileiros se “esquecem” de desligar a luz ou deixar as carteiras organizadas para a próxima aula (85%). Muitos professores se “esquecem” de apagar o quadro após a aula e zelar pelos aparelhos. Alguns docentes se apresentam para ministrar aulas mal ajambrados, faltando banho ou desodorante. Claro, o mal ajambramento do mestre em alguns cursos é marketing pessoal. Certa vez, suporrei um mini-curso ministrado por um professor (mestre ou doutor?) sem um dente superior frontal. É ou não é contrassenso com a função

³ Refiro-me a polêmica causada pelo livro “Por uma vida melhor”, de Heloisa Ramos, adotado pelo MEC, 2011. Um debate esclarecer foi realizado pelo **Observatório da Imprensa**, da TV Brasil, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=M4367cC9Cjo>. O assunto pode ser complementado pelas entrevistas realizadas pela Univesp/2011, com os professores **Atalita Castilho** <<http://www.youtube.com/watch?v=DROHTF4iaiQ>> e **Jose Luiz Fiorin**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=o7OINhxLrOg>>

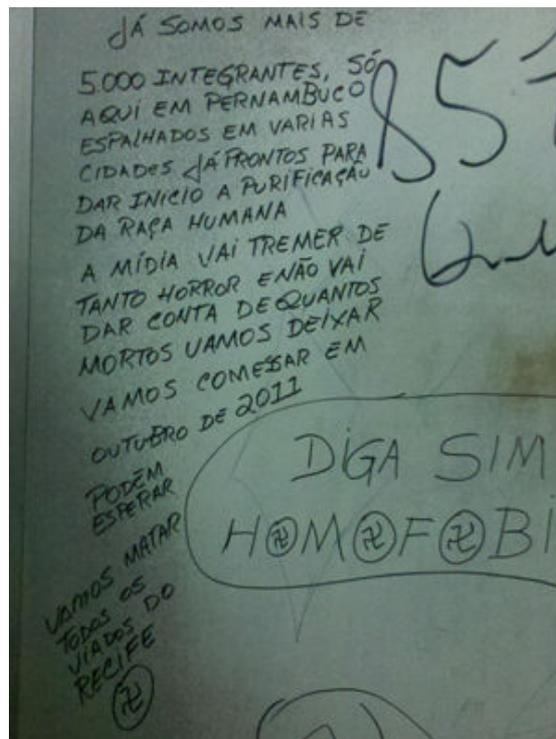
⁴ AQUINO, J.G. “A família no fogo cruzado da educação contemporânea”. Disponível em: <<http://vimeo.com/28023318>> (Conferência ministrada no CPFL/ano?).

⁵ Cf.: MAGALHÃES, M., 2012.

docente? Quem educa nossos professores? Quem tem coragem para chamar a atenção de um professor-doutor que falha na composição da função docente?

Entendo que a qualidade dos banheiros, a preservação das paredes e dos muros dentro e fora das salas de aulas, a preservação dos livros das bibliotecas, deveriam constar como quesito nos rankings das universidades. Uma

universidade cheia de pichações causa má impressão para quem a visita, principalmente se há erro nas frases, equívoco político, racismo, má educação, e desleixo da prefeitura do campus. Todos defendem a universidade pública, mas poucos – bem poucos - que nela trabalham efetivamente "educam" alunos e professores para preservarem o patrimônio público.



Escrito racista em Pernambuco

São muitas as causas do desleixo no espaço público em geral: herança cultural de que "o público é de ninguém", fracasso da educação pós-moderna cujos pais perderam o controle dos filhos que imaginam o espaço público como seu, concepção pedagógica cega para treinar bons modos, profascismo anarquista *made in* superego pós moderno, etc.

Liberalismo-permissivismo acadêmico

Por que tratamos o espaço público como terra de ninguém? Os estudiosos apontam a herança escravagista a origem desta incivilidade. No fundo, não deixamos a sala limpa, não desligamos a luz, ventilador ou ar condicionado, não preservamos os banheiros, porque temos certeza imaginária que os "escravos" irão fazer o serviço⁶. Também predomina nas escolas e

⁶ Suspeito que a nova geração de crianças e jovens imagina a mãe ou empregada suas escravas, realizando sempre o trabalho braçal e sujo, exigido pelos *babies*. Esses são criados mas não educados por pais acovardados e negligentes. Trata-se de uma geração insensível ao outro, seu próximo, mas sensível ao outro-virtual ou distante. Temo que o estilo insensível e desresponsabilizado desta nova geração de jovens alexítimos jamais irão dar apoio real e moral aos seus pais velhos, quando estiverem doentes ou incapacitados.

universidades do Brasil a distinção entre o trabalho manual (feito por escravos e trabalhadores braçais) e o trabalho intelectual (realizado por professores e alunos). Isto é, professores e alunos não são afeitos ao trabalho “manual” de preservação e limpeza do espaço de ensino-aprendizagem, dos corredores, entre outros.



E as pichações? Alguém se importa para o aumento das pichações no estabelecimento escolar e universitário públicos? Cadê os defensores dos estabelecimentos públicos? Cadê a aplicação dos discursos sobre cidadania, sustentabilidade, responsabilidade social? Parafraseando Brecht e Zizek: eles começam pichando muros e paredes dos estabelecimentos públicos, depois ousam pichar banheiros, e logo estarão pichando as salas de aulas e a cara dos professores omissos ou acovardados. Infelizmente sob o aplauso daqueles que acham que pichação é arte popular, ou daqueles que não suportam ambiente limpo, evocando um discurso moral cínico que justifica tais atos.



Banheiro pichado

As pichações sintomatizam compulsão à repetição do mesmo racismo com finalidade de gozo narcísico infantil: “olha aonde conseguimos pichar”. Claro, a pichação visa afrontar a gestão do espaço público omissa, leniente e covarde.

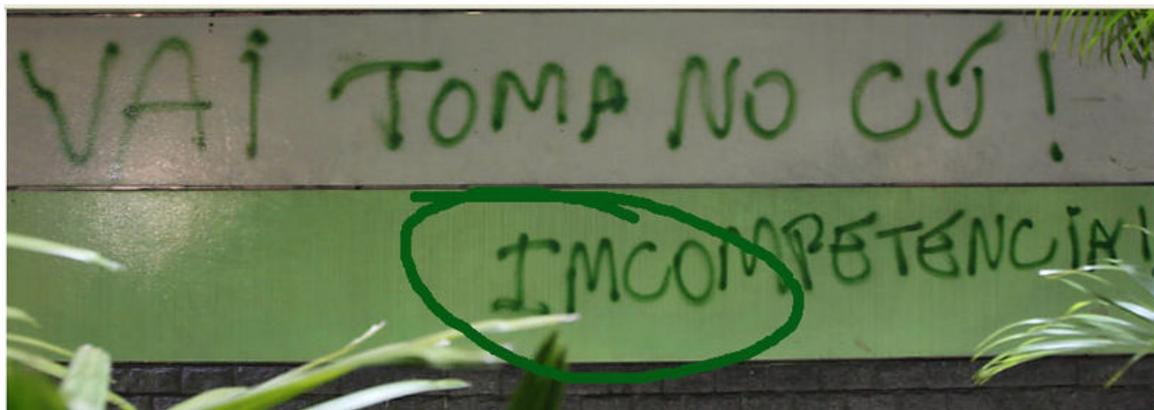
Algumas instituições – e projetos de extensão ou de cursos ligados as artes – sublimam as pichações por grafites, desenhos elaborados com alguma mensagem ou senso estilizado. Mesmo assim os grafites não escapam de serem pichados pela gang medíocre dos pichadores (como aconteceu com a bela representação de Frida Kahlo, ao lado do bloco G-34/ UEM, teve seu pescoço pichado).



Grafite é arte – por Felipe Tomazzella – Universidade Estadual de Maringá –Maringá

Compare com a pichação:





Lembranças limpas

Votando ao problema da sujeira nos estabelecimentos de ensino. Lembro-me de uma conversa com alunas que estudaram no Japão. Elas me disseram que lá as escolas não têm empregadas para limpeza. Imagine quem limpa a sala depois da aula? Os alunos. Como eles sabem que vão limpar preservam o ambiente escolar sempre limpo. Professores também fazem sua parte. Nas escolas da China e da Coréia do Sul, os alunos são educados para preservar e limpar o ambiente usado. Eis a diferença entre civilizados e incivilizados.

Lembro-me também de quando terminava o 3º. Colegial, em Presidente Bernardes, Estado de São Paulo, em 1973: o diretor Tuta (Prof. Darci Sassi) obrigou a turma a limpar a sala de aula, depois do horário de aula. Todos os alunos pegaram na vassoura e no pano de chão para deixar a sala e a lousa limpa. A colega mais rica da região nos revelou que nunca havia varrido. Aprendeu mais esta lição. Provavelmente os pais hoje processariam judicialmente a direção da escola por constranger os seus *babies* a pegarem na vassoura e no pano de chão, para limpar a sala de aula que eles sujaram.

Não bastam discursos ecologicamente corretos e críticos para evitar a barbárie. É preciso dar exemplos que educam e civilizam.

Referências

AQUINO, J. G. **A família no fogo cruzado da educação contemporânea**. Disponível em: <<http://vimeo.com/28023318>>.

GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. Campinas, **ETD – Educação Temática Digital**, v.8, n.1, p.10-32, dez/ 2006. Tb. disponível na internet.

GUSDORF, G. **A fala**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1977.

LATERMAN, I. **Violência e incivilidade na escola**: nem vítimas nem culpados. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA/ maio-2011. Disponível no YouTube: <<http://www.youtube.com/watch?v=M4367cC9Cjo>>.

QUARESMA, A. X. **Cidadania com responsabilidade social**. UEM: Ciências Contábeis/ projeto em slides, 2008.

MAGALHÃES, Mariana. **O desperdício de energia elétrica com lâmpadas nos prédios da Universidade Estadual de Maringá/ UEM**: uma questão de responsabilidade social. Maringá: TCC - Curso de Ciências Contábeis/ UEM, 2012



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e Professor do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).